

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
6 de Setembro de 2025
ROBERTO GAVALDÓN, O OUTRO MEXICANO

MACARIO / 1960

Um filme de Roberto Gavaldón

Argumento: Emilio Carballido e Roberto Gavaldón, baseado no conto “The Third Guest” (1953), de B. Traven / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco, formato 1x37): Gabriel Figueroa / *Direção artística:* Manuel Fontanales / *Música:* Raúl Lavista / *Montagem:* Gloria Schoeman / *Som (som):* James L. Fields (supervisão), Teódulo Bustos (*montagem*) / *Interpretação:* Ignacio López Tarso (*Macario*), Pina Pellicer (*a sua mulher*), Enrique Lucero (*a morte*), Mario Alberto Rodríguez (*Don Ramiro*), José Gálvez (*o diabo*), José Luís Jiménez (*Deus*), Eduardo Fajardo (*o vice-rei*), Consuelo Rank (*a vice-rainha*), Pepe y Sus Marionetas.
Produção: Clasa Films Mundiales/ *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm) versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 90 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes, 11 de Maio de 1960; lançamento comercial no México a 9 de Junho / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*

A obra de Roberto Galvadón é extremamente variada e está longe de limitar-se aos melodramas extravagantes, género em que foi mestre. Prova da qualidade do trabalho do realizador, os seus filmes dão sempre a impressão de um homem profundamente comprometido com aquilo que faz, um artesão atento e talentoso. **Macario**, um filme um surpreendente, que só se revela literalmente no instante final, é baseado num conto de B. Traven, autor americano que Gavaldón voltaria a transpor para o cinema três anos depois com **Dias de Otoño**. A trama narrativa é uma parábola cristã pura e simples – e é por isso que o filme surpreende no contexto da obra do realizador. A sua trama foi perfeitamente resumida no site Writing Atlas: “o encontro fortuito de um pobre lenhador com a Morte transforma por completo a vida do homem – um único gesto de generosidade é recompensado com um dom mágico, que permite-lhe curar os doentes. No entanto, quando a sorte do homem muda, ele descobre que o seu segundo encontro com o Diabo não corre tão bem quanto o primeiro”. Note-se as ressalvas da conservadoramente católica (passe o pleonismo) revista italiana *Segnalazioni Cinematografiche*, numa nota não assinada, como era regra nesta publicação: “É notável em todo o filme um sentimento religioso que torna vívida a presença de Deus. Mas ao mesmo tempo a curiosa superstição de um povo que manifesta de forma pagã o culto dos mortos, alguns pormenores menos oportunos e a inserção da sequência do tribunal, que de modo malévolo e demasiado explícito se inspira da Inquisição, faz com que a visão deste filme deva ser reservada aos adultos”. Eis um comentário que dispensa comentários.

Em **Macario**, Gavaldón equilibra com muita habilidade a descrição realista da vida dos pobres camponeses – personagens centrais em todo o cinema mexicano do período clássico, vítimas da opressão social, encarnações da dignidade humana diante da adversidade – e as passagens em que estamos fora não apenas do mundo camponês como deste mundo. O preâmbulo contém uma crítica direta e racionalista a um costume mexicano (a “curiosa superstição” que causou estranheza aos que acreditam que uma virgem pode ser mãe), que também existe em outros países e outras religiões: o facto de no Dia dos Mortos, celebrado de modo festivo no México, seja oferecida abundante e excelente comida aos deuses por pobres camponeses, que praticamente passam fome. E a fome é precisamente um dos temas centrais do filme, com personagens diante de escassas refeições, num contexto em que as palavras “*estás com fome?*” ditas pelo protagonista à sua mulher, têm uma conotação algo sinistra. De modo justificado, num

filme que começa de modo realista e se transforma rapidamente numa parábola, o protagonista tem um pesadelo situado na Festa dos Mortos, numa sequência soberba, em que os mortos oprimem a família de Macario. Esta sequência de sonho prepara o espectador para os três encontros que fará Macario com seres do “outro mundo”. O primeiro personagem que encontra é o diabo, numa passagem claramente remanescente das tentações do demónio a Jesus; o segundo é Deus e o terceiro é a Morte, com quem ele aceita compartilhar a sua comida, sendo por isto recompensado.

O clima de parábola vai-se adensando ao longo do filme, porém sem que nos afastemos do contexto plausível de uma aldeia mexicana. Na segunda parte, quando Macario prosperou, o milagre das suas curas torna-se quase banal e não é segredo para ninguém: é um negócio com loja e tabuleta à porta e embora Macario aceite modestos pagamentos, o facto é que passou de santo a quase comerciante, associando-se a um homem rico, que prefere o lucro à partilha. É então que surge o primeiro elemento estranho no filme, mesmo no contexto de uma parábola: o médico enciumado pelo êxito de Macario decide denunciá-lo como charlatão, mas não o faz a qualquer tribunal e sim ao Santo Ofício, instituído no fim da Idade Média e que durou mais de trezentos anos, quando todo o contexto do filme, a começar pelas vestimentas dos personagens, parece situá-lo no século XX. Este aparente anacronismo será explicado, como tudo o mais, nos instantes finais de **Macario**. Antes, porém, há uma extraordinária sequência, resolvida de modo magistral do ponto de vista visual (e demonstrando, mais uma vez, a qualidade dos equipamentos e dos técnicos mexicanos): o diálogo entre Macario e a morte na Gruta da Morte, um espaço infinito de velas acesas, das quais cada uma é uma vida humana - breve, longa, prestes a extinguir-se. Salvo erro, esta ideia nada tem a ver com a Bíblia e a religião cristã, tem analogias com o mito romano das Parcas, que cortavam o fio da vida dos humanos, controlando-os, tal como o interlocutor de Macario.

Numa primeira visão, o desenlace do filme pode decepcionar o espectador, surpreendê-lo negativamente, pelo facto de nele Gavaldon utilizar um velho truque narrativo que pode parecer uma solução demasiado fácil. No entanto, este desenlace faz eco ao preâmbulo na Festa dos Mortos e parece indicar que o destino daqueles camponeses permanecerá tão árduo como sempre foi.

Antonio Rodrigues